



**Correio Manhã**

27-05-2014

**Periodicidade:** Diário

**Classe:** Informação Geral

**Âmbito:** Nacional

**Tiragem:** 174177

**Temática:** Justiça

**Dimensão:** 803

**Imagem:** S/Cor

**Página (s):** 1/17

# CORRUPÇÃO NA PSP COM QUEIJO E VINHO

TRÊS  
POLÍCIAS  
JULGADOS

■ **Fechavam** os olhos à fiscalização de pirotecnia  
■ **Recebiam** também somas entre 50 e 250 euros  
PÁG. 17

LISBOA ■ JULGADA CORRUPÇÃO NO DEPARTAMENTO DE ARMAS E EXPLOSIVOS DA PSP

# Polícias comprados com vinho e queijos

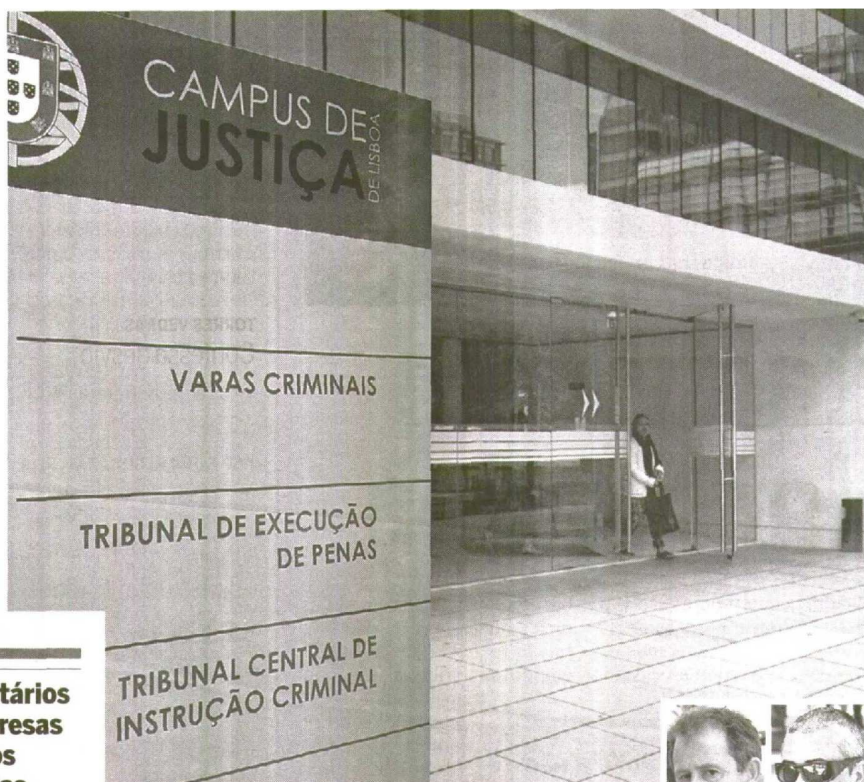
■ Empresários corrompem três agentes, que fechavam os olhos a fiscalização de pirotecnia

● MAGALI PINTO

**G**arrafas de vinho e queijos eram, além de dinheiro, duas formas de pagamento aos três agentes do Departamento de Armas e Explosivos da PSP pela venda de informação relativa a operações de fiscalização, sobretudo a empresas de pirotecnia e pedreiras onde eram usados de forma indevida vários tipos de explosivos. Os agentes principais Eusébio Canilho, José Nóbrega e João Gomes começaram ontem a ser julgados no Campus de Justiça, em Lisboa. Para já, ficaram em silêncio.

Na maior parte das vezes eram entregues quantias de dinheiro que variavam entre os 50 e os 250 euros, segundo a acusação do DIAP. Em 2008, os agentes Canilho e Nóbrega dirigiram-se a uma empresa de pirotecnia em Ponte da Barca que produzia artefactos de fogo de artifício em dois paíóis e 15 edifícios. Mas desde 2002 que aquele empresário não tinha autorização para a produção, só para a comercialização, devido a um acidente grave. Os polícias “fecharam os olhos até 2010” a essa proibição – em troca eram sempre pagos.

Segundo o Ministério Público, o primeiro pagamento foi feito em 2008 em garrafas de vinho e



**Proprietários de empresas avisados antes das operações**

Paulo Moreira e Adelino Oliveira são os dois empresários que ofereceram presentes aos agentes da PSP. Estão a ser julgados



400 euros que os agentes dividiram entre si. Só deste empresário os agentes receberam cerca de 3500 euros, mais as garrafas de vinho. Eram os agentes que, após as visitas às empresas, propunham os negócios, dando a entender que os empresários tinham muito mais a ganhar em pagar-lhes a eles do que verem os seus produtos apreendidos.

Em Sátão, Viseu, em troca de informações sobre uma operação de fiscalização no âmbito do uso de explosivos numa obra, um empresário pagou 100 euros mais caixas de vinho, queijos e refeições. Num outro episódio, dois dos agentes da PSP receberam botas e ténis de marca. ■

## ✎ PORMENORES

● **EMPRESÁRIOS**  
Dois empresários, também arguidos no processo, prestaram ontem declarações e negaram ao coletivo de juizes dar presentes em troca de informação.

● **INCOMPETÊNCIA**  
O advogado dos agentes principais, Melo Alves, pediu que o processo passasse para o Tribunal de Ponte de Lima por incompetência territorial. Foi indeferido.

● **EMPRESA**  
Uma empresa de venda de armas de caça é também arguida por o gerente fazer pagamentos indevidos aos agentes da PSP. Proprietário não soube explicar depósitos.



Avisavam antes das operações

## SMS de alerta: “Andam aí cães e gatos. Andam à caça”

● Os agentes da PSP eram cautelosos quanto ao local onde recebiam as quantias de dinheiro. Eram mercados locais públicos, como a estação de comboios de Peso da Régua e os parques de estacionamento de supermercados. As mensagens de telemóvel não eram explícitas. Na acusação são referidos as seguintes mensagens: “Andam

por aí cães e gatos. Andam todos à caça” e apenas “Perigo”. Os empresários já sabiam que iam ser fiscalizados, tendo oportunidade de esconder tudo o que estava ilegal. Nos casos em que os três agentes iam aos locais das fiscalizações não saía um único auto de contraordenação. Os três agentes da PSP estão em prisão preventiva. ■